

Isto era verdade, pensou Aschenbach, e relaxou. Isto é verdade, você navega bem. Mesmo se você está de olho no meu dinheiro e, com uma pancada do remo pelas costas, mandar-me à casa dos Aides, você me levará bem. *lit. wold*

Porém nada disso aconteceu. Até companhia apareceu: um barco com bandoleiros músicos, homens e mulheres que cantavam ao som da guitarra e do bandolim, importunamente navegando lado a lado com a gôndola, enchendo o silêncio sobre as águas com suas gananciosas poesias. Aschenbach atirou dinheiro dentro do chapéu estendido. Calaram-se então e afastaram-se. E o murmúrio do gondoleiro, que intermitente e destacado falava sozinho, foi de novo audível.

Assim chegou, balançado pelas águas da quilha de uma barca em viagem para a cidade. Dois guardas municipais, as mãos nas costas, os rostos voltados para a laguna, andavam de um lado ao outro na margem. Aschenbach desceu da gôndola na ponte, auxiliado por aquele velho que em todos os embarcadouros de Veneza está a postos com seu arpéu e como lhe faltava dinheiro miúdo, atravessou para o hotel vizinho da ponte, para trocar. É atendido no saguão, volta, encontra sua bagagem num carrinho no cais; e gôndola e gondoleiro tinham sumido.

— Ele deu o fora, disse o velho com o arpéu. Um homem mau, um homem sem concessão, prezado senhor. É o único gondoleiro que não tem concessão. Os outros telefonaram para cá. Ele viu que era esperado. Aí deu o fora.

Aschenbach encolheu os ombros.

— O cavalheiro viajou de graça, disse o velho, e estendeu o chapéu. Aschenbach atirou-lhe moedas. Deu ordens para que sua bagagem fôsse levada ao Hotel dos Banhos e seguiu o carrinho pela alamêda, a alamêda florida de branco que atravessa a ilha até a praia, ladeada por tavernas, bazares e pensões.

Entrou pelos fundos do grande hotel, pelo terraço do jardim, e dirigiu-se para o escritório, atravessando o grande saguão e o vestíbulo. Como tinha sido anunciado, foi recebido com solicitude. Um gerente, homem pequeno, silencioso, de lisonjeira cortesia, com bigode preto e de casaca de corte francês, acompanhou-o ao elevador, subiu com ele e indicou-lhe um quarto no segundo andar, um aposento agradável com móveis de cerejeira, que haviam enfeitado com flores de forte perfume e cujas janelas davam para o mar. Parou na frente de uma delas, depois que o gerente se retirara e enquanto traziam sua bagagem e arrumavam-na no quarto, ficou olhando para a praia deserta ao entardecer e para o mar que estava de maré-cheia, enviando ondas baixas e extensas contra a margem, num compasso igual e calmo.

As observações e os acontecimentos do solitário calado, são ao mesmo tempo mais difusos e mais penetrantes que os do sociável, seus pensamentos são mais pesados, estranhos e nunca sem um traço de tristeza. Imaginações e percepções que poderiam facilmente ser postas de lado com um olhar, um sorriso, uma troca de opiniões, ocupam-no sobremaneira, aprofun-